

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

RELATÓRIO DE ATIVIDADES DA FRENTE DE ATRAÇÃO PARAKANÃ

DEZEMBRO - 82/MARÇO - 83

Histórico Diário:

Chegamos em Marabá, dia 12 de dezembro, onde já encontramos nossa Equipe reunida, composta pelos seguintes servidores:

01 - LUIS MOREIRA DA SILVA	- Aux. Sertanista
02 - MARIANO NORONHA FILHO	- Aux. Sertanista
03 - APUI ASSURINI	- Aux. Serviço
04 - PAPUTIN PARAKANÃ	- Intérprete
05 - XETERIA PARAKANÃ	- Intérprete
06 - JUARAWA PARAKANÃ	- Intérprete
07 - TAKAYUNA PARAKANÃ	- Intérprete

Terminadas as aquisições de equipamentos e gêneros diversos, tivemos uma penosa espera, devido o atraso da aeronave.

Chegando o minuano, pilotado pelo Cmt. Mauro Fonseca, saímos dia 19/12, juntamente com Luis, Paputin e Juarawa e uma parte dos materiais, porém o tempo estava muito fechado e durante 03:00 horas, tentamos inutilmente encontrar a Fazenda Bannach, tendo que retornar a Marabá.

Entre os dias 20 e 22/12/82, conseguimos o traslado de pessoas e materiais, primeiramente para Tucuman e de lá em avião fretado até a Fazenda São José, já que a Fazenda Bannach, não oferecia condições. Realizamos também um sobrevôo da região em volta da Serra Oeste dos Carajás, perfazendo as cabeceiras do Rio Bom Jardim e Bacajá, bem como a margem direita do Rio São José, até a Serra. O tempo estava limpo, mas não conseguimos localizar o grupo, não vimos nem fumaça, nem roças ou malocas. A viagem foi penosa, porque o pequeno avião adaptado para atuar em garimpo, estava sem assentos, assim passamos as duas horas do sobrevôo de joelhos.

A Fazenda São José, localiza-se na margem esquerda, do Rio São José, logo abaixo da confluência com o Igarapé Jacaré, em linha reta fica cerca de 30 kms., rio abaixo da fazenda Bannach.

A Sede da Fazenda São José, só consta de um barraco de palha onde ficam os peões (05), o Gerente (gato), e a mulher dele. Fizemos nosso acampamento na beira do Igarapé. A maioria dos peões da fazenda, estavam doentes, provavelmente com malária, por sinal dois estavam em estado grave, for

necessários medicamentos, mas pressentimos que fomos ficar contaminados, o que prejudicaria nosso trabalho.

Dia 23/12, foi realizado um reconhecimento na outra margem afim de encontrar um local para acampamento base, porém após andar o dia inteiro baixões, cipós e tabocais, sem encontrar terra alta e também sem água, tudo estava seco, foi preciso retornarmos, tentei consertar o rádio telefônico portátil, potente, contudo cheio de problemas, já em Belém o mês chegou de BSB, com uma resistência queimada, depois as baterias que se guera amperagem apresentaram defeitos e finalmente falhou também na recepção, achei que era o alto-falante, depois de muita luta, consegui que uma das baterias funcionasse, porém continuou com problemas na recepção.

Dia 24/12, saímos novamente afim de encontrar uma passagem para terra firme, onde pudéssemos colocar os equipamentos e rancho, antes da enchente, porque pelo tamanho do baixão isso seria impossível com a cheia.

Desta vez fomos mais em direção ESTE N/E, quase subindo o rio e com 5kms achamos terra alta, porém sempre sem água, bebemos água de cipó, encontramos vestígios antigos, onde o grupo arredio, matou uma anta, todos nós ficamos animados.

Dia 25/12, começou a chover, era Natal, fomos caçar, e só pegamos um mutum e jabotís, no retorno fomos pescar e obtivemos bons resultados.

Dia 26/12, muita chuva, o rio começou a encher.

Dia 27/12, continuou chovendo, e o rio estava cheio, o problema era atravessar, fomos até o fim da picada fazer um paiol, para abrigar os materiais, apesar da chuva tínhamos que levar água nos cantis. No retorno já atravessamos a árvore caída (nosse ponte) sobre o rio São José, com água no peito.

Dia 28/12, continuou a chover, a água já invadindo os baixões, o pessoal começou a desanimar, se vendo na eminência de ficarmos presos na margem esquerda, dei a idéia de fazermos uma ponte de varas e cipós, os mesmos acharam que não adiantaria, insisti e fui na frente com Mariano e o Luis, aos poucos todos foram ajudar, de tarde a ponte já estava pronta com mais de metro acima do nível da água e com 30 metros de comprimento.

Dia 29/12, fomos até o paiol com mais uma carga, o rio estava meio metro abaixo da ponte e fazendo bastante pressão, já nos baixões andamos com água na cintura, levamos 20 kgs cada, assim com o Negão (peão da Bannach a nossa disposição), éramos nove, e cada caminhada levamos 180 kgs.

O caminho agora estava mais limpo, gastávamos cerca de uma hora e meia até o paiol, o problema agora no centro era a falta d'água.

Dia 30/12, parou de chover, a água do rio ficou lamocenta, quase intransponível, parou de encher bem no nível do ponto, fizemos mais uma viagem ao paiol, mas depois continuamos em direção norte durante 03:00 horas, abrindo picadas, passamos por várias grotas porém todas secas, antes de voltarmos os meninos acharam cortadas recentes, e também rastros, eles disseram que era Parakanã.

Dia 31/12, mais uma viagem com carga o rio começou a vazar.

Dia 01/01/83, saímos com mais cargas, dando início a expedição, o rio desceu bastante e passamos os baixões já com água na cintura, imitando o grunhido do porco para espantar as piranhas, arreias, puraquês e jacarés, passamos pelo paiol e continuamos mais uma hora, onde na beira de um grotão seco, fizemos nosso acampamento. Com a ajuda de Mariano cavamos um poço, deu água com 2,5 metros de profundidade, água barrenta com cheiro de gás.

Dia 02/01/83, instalei a antena e o rádio, o pessoal voltou a fazenda para pegar o resto do material, inclusive o gerador e a gasolina.

Dia 03/01/83, Mandei Apuí, com os intérpretes caçar e aproveitarem para levar a picada mais adiante em direção ao N-N/E, voltaram a tarde animadíssimos, seguindo os rastros encontrados na entrada anterior, acharam a cerca de 12 kms, mais a frente, dois acampamentos do grupo Parakanã com 13 tapiris cada, datando de aproximadamente dois meses, inclusive encontraram alguns materiais que o grupo pilhou na fazenda Bannach, como pedaço de treina e lona, o caminho deles seguia rumo N/E, comunicamos a 2ªDR.

Dia 04/01/83, começou a crise de malária no pessoal, iniciando por Paputin, depois Mariano.

Dia 05/01/83, chegou também a minha malária, os bons foram caçar, outros prepararam entocamento para esconder uma reserva de material, para o caso de sermos surpreendidos pelos Parakanãs.

Dia 06/01/83, a malária põe quase todos de rede, escapando apenas Luis e o Negão.

Dia 07/01/83, o rádio continuou com problemas de recepção, só dava para transmitir.

Dia 09/01/83, já recuperados da malária, avançamos pela picada até perto do 1º acampamento dos "Parakanãs", num açailal acampamos, tivemos que fazer um outro poço, tivemos sorte, pois só cavamos um metro e água

Comunidade Indígena do Rio - 2001

1983

Jorrou, estava com gosto de folhas podres. O pessoal foi caçar, contudo não tiveram sorte e acabamos dormindo com fome.

Dia 10/01/83, continuamos a jornada, e passamos pelos dois acampamentos abandonados, bem rápidos porque tinha muitos carrapatos e pulgas, observamos muitos cascos de jabotís, onças de porcos e antas. Avançamos até o rio, ao abrir picadas, perdemos a trilha dos "TALHADOS", assim seguimos sempre Norte N/E, atravessamos a "Picada Perdida" da topografia de Bannach, porém Benão não se lembrava mais do local, e não sabia orientarnos, assim fomos forçados a dar marcha ré até um grotão seco e acampar, covamos várias cacimbos, mas em todas a água estava horrível, o jeito era beber assim mesmo, nada de chuvas, parecia verão.

Dias 11/12/83, enquanto parte da equipe retornou ao paiol, para pegar mais uma carga, fiquei com Paputin e Juanawa, tocando mais a frente a picada e chegamos ao igarapé Cedro, que tem ainda um pouco de água corrente, formando uma série de poções, onde parece ter bastante peixe. Ao chegar o restante do pessoal, mudamos logo para a beira do igarapé Cedro.

Dias 13 a 16/01/83, voltou a malária, primeiro Apuí, depois Juanawa, Takayuna e Xeteria, o restante realizou mais uma viagem até o paiol para apanhar equipamentos e rancho, face a distância (30 kms) necessitaram de dois dias, pescamos e caçamos com bastante êxito.

Dia 17/01/83, Mariano juntamente com os intérpretes dá mais uma entrada rumo N/E, abrindo picada, encontrando muitas serras e também córregos com água boa, encontraram vestígios mais recentes, presumivelmente do final de dezembro, face a estiagem a água do cedro parou de correr, só ficaram as poças lamacentas.

Dia 18/01/83, avançamos em duas turmas, uma seguindo os rastos, outra em direção N/N/E, 08 kms, à frente acabados nos encontramos novamente, a primeira turma passou por outro acampamento com 13 barracos, muito recentes, onde havia vestígios de terem dançado.

Dias 19 e 20/01/83, enquanto a maioria retornou ao paiol para apanhar materiais, avancei com Luiz Moreira, cerca de duas horas até um bonito açaizal no pé de uma serra grande, lá existe um córrego com água corrente e cristalina, decidimos então fazer o acampamento base neste local.

A malária voltou a atacar, desta vez com mais força.

Dia 21/01/83, Apuí, avançou com os 04 "mosqueteiros", enquanto os outros retornam novamente ao paiol, com uma distância calculada em torno de 40 kms. Chegam os peões da fazenda São José, informando que o Gerente

Relatório de Atividades do Grupo - 1983

10/1/83

estava muito doente e precisava ser socorrida imediatamente, conseguimos nos comunicarmos com Ajarina de onde mandaram um avião retirá-la, os peões ajudaram a carregar o material do grótão cedro, para o acampamento base. Apuí voltou a bordo entusiasmado, seguindo a trilha dos "PARALAS", passaram por 05 acampamentos dos quais 04 bem mais recentes provavelmente de janeiro, e um antigo com 40 barracos, a febre continuou a atacar-me apesar dos remédios.

Dia 22/01/83, começamos a fazer uma casa de palha e com paredes de ripas, abrimos uma clareira em volta, caiu uma palmeira em cima do meu tapiri, rasgando lona, mosquiteiro e rede, quebrando o rifle e outros materiais, por sorte tinha acabado de levantar-me, a febre insiste em ficar comigo, começam as tonturas.

Dias 23 e 24/01/83, os intérpretes estão ansiosos para realizarem o contato, pensei que seria melhor trazer primeiro todos os materiais, para o acampamento, já estávamos quase a zero de alimentos, porém a pressão dos rapazes foi maior, acabei concordando e designei o Luiz, o Apuí e os 04 intérpretes, com pequeno rancho na primeira tentativa de contato, não fui porque não tinha condições físicas de locomover-me, assim fiquei com Marieno que também apresentava problemas na perna e Negão para nos ajudar, aproveitamos para enterrar o material de primeira necessidade, fazer o piso e prateleiras no barraco, bem como ampliar a clareira. Iniciamos outra clareira num paçoal bem próximo com cerca de 80 mts de diâmetro e uma entrada de 100 mts, para heliporto. Achava que o contato não ia ser difícil, o Luiz possui muita experiência e sangue frio, confiei nele, estava preocupado com o que viria depois, pois nosso rancho estava praticamente terminado.

Dia 25/01/83, tentei abrir o rádio, para ver se descobria o defeito e acabei perdendo completamente a recepção, estava muito preocupado, pressentia que o contato estava próximo, não tínhamos quase nada de rancho e tudo estava terminando e nós sem podermos nos comunicarmos solicitando mais rancho e etc., tentei novamente me comunicar através de sinais com o Raimundo (telegrafista de Marabá), o defeito era só do alto-falante, pois o oxilador funcionava, assim quando recebia ele mexia, fiz várias chamadas para Marabá, tentando comunicar a situação, pedindo a emissão de sinais em código, sendo 03 para negativo e 02 para positivo, consegui finalmente ser entendido, transmiti duas mensagens, avisando sobre o provável contato nessa semana e a necessidade de gêneros alimentícios urgentemente. A chuva começou dia 23/01 e não parou, a rede e as roupas que lavei ficaram mofadas.

Dia 26/01/83, pensei em fazer ligação com o alto-falante do

.../...

radinho de pilha do Luiz "Michara", depois achei melhor esperar o seu retorno. Já estava bem melhor da malária.

Dia 27/01/83, continuou chovendo, deu-me vontade de seguir atrás da turma, Mariano saiu para caçar e se perdeu, a tarde fomos atrás de ele até o grutão cedro e não o encontramos, retornamos dando tiros e batendo compassos nas "sapopemas" (raízes grandes e chatas), estava anoitecendo quando ele chegou guiado pelo som da sapopema, com a chuva era muito difícil ele se orientar, contudo trouxe uma catia.

Dia 28/01/83, continuou chovendo, "chico" o (macaco kuchiú) que estava criando foi proximato e não voltou, achei que encontrou um bando de parentes, a tarde chegou a turma cantando, todos pintados de genipapo, trazendo muitas flechas recebidas de presente. Era festa, era Alegria, o pessoal estava rouco de tanto cantar e dançar, realizaram o contato, tudo bem.

Passei a transcrever as anotações do Luiz Moreira "Michara":
" Hoje dia 24 de janeiro, saímos com destino a aldeia dos Parakanãs, seguindo os acampamentos dos mesmos, distantes cerca de 03 a 04 kms um do outro, paramos cedo porque estávamos com muita fome.

Nos dias 25 e 26/01, seguimos sempre a trilha, atravessamos muitas serras e baixões e a 15 kms da base encontramos outra picada de topografia, entramos no caminho errado, porém corrigimos a tempo, a tarde encontramos vestígios recentes, recuamos e deixamos nossas coisas, levando apenas o essencial e os brindes, retornamos o rumo do acampamento mas não tinha ninguém. Pernoitamos, choveu muito, finalmente acabou o rancho, contudo estávamos bem de saúde, e os meninos cada vez mais impacientes para encontrarem os seus parentes. Dia 27/01, saímos as 07:00 horas seguindo o novo vestígio, fomos nos aproximando devagar e calmos, conforme instruções; até que ouvimos vozes onde estavam acampados, apanhando ingá, parecia que só tinha mulheres e um velho, gritamos que tínhamos presentes para eles, todos correram com medo, ficamos tristes, porém continuamos a chamar e meia hora depois responderam ao longe. Depois as mulheres trouxeram o velho para falar, todas armadas de facão, o velho com espingarda, entregamos os brindes, depois da dança e cantoria, fizemos uma pausa para conversar, era muita alegria, Juarawa e Paputin (intérpretes) reencontraram duas irmãs, disseram que não tinham mais farinha, mas que estavam comendo castanha e babaçú, o papo estava indo bem, quando o Juarawa viu que a espingarda do Nanbiquarawa (o velho), estava armada, com dificuldade conseguiu desarmar, eles então informaram que tinham um índio em estado grave, mordido por onça no acampamento, foram buscá-lo para

nós vermos. A noite junto com os homens que haviam retornado da caça e houve mais dança e cantoria."

Dia 29/01/83, com autorização do Luiz, desmontei o radinho e fiz ligação direta com o transceptor, deu certo a recepção e ficou até o solter. Era alegria, porque os "PARAKAS" ficaram de visitar o nosso acampamento, entretanto não tínhamos mais brindes e nem alimentação, o rádio funcionou, porém não escutamos nada, depois descobrimos que era sábado, assim a noite entramos em contato com a base Arara, e mantivemos contato para domingo de manhã.

Dia 30/01/83, mandei várias mensagens comunicando o ocorrido e pedimos materiais e gêneros de primeira necessidade. Resolvemos então ampliar o heliporto, acabou toda a alimentação, e não tínhamos previsão de quando viria o helicóptero, pois chovia muito.

Dia 31/01/83, pela conversa que o Apuí e os outros tiveram no contato parece que o grupo não tem nem aldeia, nem roças (e nós procuramos no sobrevôo), a princípio a história que eles contaram foi a seguinte:

Depois de saírem da região do cajazeira, onde mantiveram contato com uma frente de atração, por volta de 1972/73, o grupo contava com mais ou menos 160 índios, houve a primeira cisão na qual se separou o grupo do Ceará posteriormente contactado em 1976 no Rio Anapú, e agora localizado no Pia Marudjewara, antigo local da Frente de Atração, ou Poção dos Caboclos, novamente no Rio Cajazeira. Segundo eles, houve uma segunda separação (1976), na qual saiu um outro grupo que se encontra em local indefinido, entre o Itacaiuna e o Bacajá. Por volta de 1977, houve nova separação, saindo o grupo do Nambiquarawa que veio para a região do Rio São José, os outros desceram o rio Bacajá, sofrendo o massacre de 1978, no qual morreram mais de 30 índios, sendo a maioria mulheres. Os remanescentes retornaram e juntaram-se novamente ao Nambiquarawa. Mas recentemente em 1981, houve nova briga interna, na qual um índio e uma índia morreram flechados, causando assim nova separação. Diante disso podemos supor assim, que existem ainda dois grupos arredios, habitando na cabeceira do rio bom jardim, ipixuna, Bacajá e Tapirapé. Apesar de chover muito continuamos ampliando a clareira.

Dia 01/02/83, mandei Negão, Mariano, Apuí e Xeterial até o paiol, apanhar farinha, açúcar e café, enquanto isso fiquei preparando-me para ir com o Luiz e três intérpretes ao encontro dos "PARAKAS", levando medicamentos e mais brindes, mas em contacto com Marabá fiquei sabendo que o helicóptero e a aeronave, estavam vindo e pediram para que eu ficasse e desse

FUNDAÇÃO NACIONAL DO Índio - FUNAI

cobertura para eles, decidi então que o Luiz fosse com os outros e fiquei com Takayuna, a tarde voltou novamente a minha febre com mais ou menos 40 graus, com vômito e diarreia, Takayuna ficou com medo do meu estado de saúde, chovia muito e a aeronave ficou presa em Serra Norte.

Dia 02/02/83, a febre voltou e eu estava muito fraco, as 14:30, chegaram os Parakanãs, e lá fui eu ter que dançar e cantar com febre e tudo, distribuí minha cota de brinde, dançamos e cantamos até de madrugada. De noite chega o índio ferido, com curativo começou a diminuir o inchaço da mão dele, deduzi que o perigo de gangrena estava contornado, mas precisávamos levá-lo para um centro de saúde especializado. O meu estado de saúde que já estava precário, com o esforço que fiz, piorou muito mais, não tínhamos mais privacidade, ganhamos dois guarda-costas armados, que nos seguiam a todos os lugares, até para fazermos nossas necessidades no mato, dentro da rede, a desconfiança era ainda muito grande, apesar de tudo tenho que admitir e dizer que me sentia muito feliz. Chegam Apuí e Xeteria com dois peões do paiol trazendo víveres, assim distribuimos duas latas de farinha aliviando a barra, os peões da fazenda São José retornaram logo, bastante assustados, o Negão com malária e Mariano pernoitaram em viagem. O FBU teve medo de pousar na fazenda Castanhal, devido o capim alto e tenta pousar na fazenda São José, porém atola, nessa aeronave veio uma enfermeira e o Sertanista João Carvalho, para acompanhar o índio ferido para a Serra Norte, pernoitaram na Fazenda São José.

Dia 03/02/83, chegou o helicóptero por volta de meio dia, porém ao invés de fazer ponte: clareira/Bannach, levando a equipe e os equipamentos e depois o ferido para a Serra Norte, desce e sem diminuir as rotações, com muito barulho que impedia de ouvir qualquer coisa, o piloto duro, nos comandos e visivelmente em pânico, disse que não ia esperar e que não voltaria, assim descem o João e a Dnair, dando tempo de carregarem o equipamento mais pesado, para ser deixado na Bannach. O João, trouxe um saco de farinha e um de milho que conseguiu emprestado na fazenda São José, a meu pedido porque apesar dos pedidos não vinha farinha nem de Belém e nem de Marabá. O mecânico ainda gritou que iria voltar para buscar o índio doente, e lá se foram embora. A tarde chegam Negão e Mariano, somente com meia carga, devido o estado precário de saúde de ambos. A farinha e o milho foram distribuídos, enquanto isso Dnair e o João faziam curativo no ferido e iniciaram a medicação oral e soro, o helicóptero não voltou, retornamos a estaca zero, sem alimentos, com mais duas bocas além dos 44 parakanãs e o ferido. Solici

... ..

tamos então oficialmente o retorno do helicóptero, porém a resposta foi indefinida e sendo fim de semana, deduzi que a única alternativa seria seguir a pé para a Fazenda Castanhal.

Dia 04/02/83, Muita dança, cantoria e confraternização, acabou-se o rancho e continuou indefinida a vinda de aeronave.

Dia 05/02/83, Saímos às 09:00 horas a pé, rumo a fazenda Bannach, junto com os "PARAKAS", levando somente o mais necessário, andamos mais de 12 kms., e às 13:00 horas paramos à beira de um igarapé, fizemos nosso acampamento e caiu uma chuva torrencial e almoço/jantar foi mutum com arroz, o último, choveu a noite toda, a enfermeira Dnair a sua primeira noite no mato, apesar do medo de onças, enfrentou muito bem a situação com fome e muita chuva, os velhos chegaram em quase noite, também a mulher do Nambiquarawa que é aleijada de uma perna (provavelmente tiro de espingarda).

Dia 06/02/83, prosseguimos a viagem apesar da chuva, o meu fígado e bazo estavam muito inchados e doendo bastante, passamos duas serras e vários igarapés, seguindo a picada perdida da topografia, acampamos cedo às 11:00 horas, porque os "PARAKAS", estavam com muita fome e queriam caçar, vez que a chuva do dia anterior não deixou, choveu novamente mas pouco, na subida da serra grande Negão Mata com um tiro uma monstruosa Surucucú Pico de Jaca, tinha mais de 03 mts, e um diâmetro de 15 cms. A noite comemos mutum queimado, choveu muito e os igarapés amanheceram transbordando.

Dia 07/02/83, ao levantar-se Dnair pegou uma queda da rede, a forquilha que a segurava na árvore deslisou por causa da chuva, e a cumieira quase bateu em sua cabeça, mas por sorte saiu sem se machucar. Na 2ª feira continuamos viajando às 08:00 horas e sem parar, chegamos às 13:00 horas, com muita chuva, chegamos na pista da Bannach, percorrendo cerca de 40 kms, no total. Instalamos o rádio e inspecionamos o campo, estávamos todos cansados, os caçadores não mataram nada, comemos arroz com feijão que o helicóptero largou no meio da pista, distribuimos os brindes que chegaram; facões, redes, shorts, gillettes, entretanto o principal a farinha não mandaram.

Dia 08/02/83, limpamos a pista, os parakanãs não foram caçar, queriam ver o avião, que pensavam, que fosse um ser que morava no céu. A noite dança, cantoria e tensão porque o avião não apareceu.

Dia 09/02/83, finalmente chegou a aeronave às 11:00 horas, trazendo bastante farinha, lanternas, medicamentos e cigarros, levaram o João Carvalho com o índio ferido e Xeteria para a Serra Norte, porém deixaram gripe, a noite todo mundo dançou no acampamento deles, estavam alegres.

Estudo etnográfico de índios - RIMA.

10

Dia 10/02/83, todos nós fomos para a caça, Mariano recae no vamente com a maléria, iniciamos então a construção de um sanitário, e fossa para lixo, o dia estava ensolarado, entretanto a crise gripal aumenta, aparecendo casos de febre. O Takayuna matou um veado e Apuí feriu uma anta.

A noite, começou aplicando ozonil e soro no Mariano, nesse dia não houve cantoria, porque os índios estavam com a garganta inflamada, a noite fez muito frio, e o céu estava estrelado.

Dia 11/02/83, o dia amanheceu bom, lá fora na cidade começou o carnaval, desde cedo tinha gente tossindo, fazia muito frio, a alimentação normalizou para nós, de manhã café com leite e bolachas, nesse dia fomos tentar fazer levantamento do grupo com nomes idade e sexo, para depois facilitar a vacinação, achei que o Cmte: Mauro estava gripado, bem que avisei o Sr. Chefe da Ajudância de Marabá, para fiscalizar quem viesse. Durante o levantamento demográfico conseguimos obter os nomes dos índios dos grupos isolados sendo descritos da seguinte maneira:

1º GRUPO - Separado em 1976/77, entre os rios Bakajá e Tapi-rapé, liderados por ARONA, tendo mais 13 adultos sendo:

NATAIRÉ, TCHERER, AWANG, AQUAWI, MANIMÉ, WIONA, KARACHE, MERIWA, KARAMÔ, TCHUMÁ, TOY-I, TEREYUMA, UTCHE-Y.

2º GRUPO, - Separado em 1980/81, entre rios Bom Jardim, Ipixuna e Bacajá, liderados por ATAÁ, tendo mais 27 homens, sendo:

YANOMÁ, ANEWA, UWU-URA, ITAINÚ, MOTI-Á, KUNA-Y, TCUAWC-UM, ATOWÁ, KONOMI-Y, MOKI-Á, APOTI-YA, AWATINGA, PINATING, TITANGA, AROWU-HÁ, PANAMÁ, TEWIRERA, KORIKÓ, TEWACHA, KORI, TOWE-YA, WARA-YRE, TORIMOA, AWI-Á, AWA-KYA, ATOCHING, ITA-ENVA.

O informante foi o filho do Nambiquarawa, TAORIA, futuro líder, e que tem duas irmãs com o grupo do Ataá, podemos avaliar o primeiro grupo entre 40 e 50 parakanãs, e o segundo grupo entre 80 e 100 parakanãs.

Quanto ao grupo contactado, informamos o seguinte: População total 44 sendo; Menos de 12 anos - Masculino 10 - Femenino 11 - Total 21.

Mais de 12 anos - Masculino 12 - Femenino 11 - Total 23.

Total geral = 44 índios.

Preparamos a lista com nomes idade e sexo, para controle e vacinação. Concluimos o sanitário, o dia continuou bom, o Mariano tomou outro soro, a noite Nambiquarawa, convidou-me para dançar e daí a pouco o carnaval estava feito, entramos pela madrugada, o que estragou foi o aparecimento de mosquitos, concluí no dia seguinte que tínhamos que começar os mosquiteiros.

RELAÇÃO DO DIA 12/02/02

Dia 12/02, acordamos a tarde, quase 08:00 horas, a gripe continuou porém, sob controle, e a noite de novo dançamos, desta vez as mulheres foram o ponto alto, inclusive a Dina. Construímos um barraco para refúgio.

Dia 13/02, domingo de carnaval, levantamos cedo com diarreia crônica que foi o cupuagá ou fígado de jaboti.

Dia 14/02, ensinamos os "PARAKAS", a prepararem linha de pesca e foram com Apuí e o Luiz, até o rio Pucan, o caminho é ruim, são quase 05 kms, de capim e tranqueira, para chegar lá e depois a noite ninguém esperava de tanta praga.

Dia 15/02, a gripe continua dando trabalho, Paputin caçar com as irmãs e cunhados, chegaram os pescadores com bastante peixe e todos encharcados de chuva, a noite caiu aquela chuva torrencial com muito vento.

Dia 16/02, no dia anterior acabou o arroz, hoje papel higiênico, a gripe piorou com a chuva e o frio, alguns casos de febre, o nosso avião estava com as horas esgotadas, não tínhamos nenhuma notícia do doente (PUCHACHA), que foi para Serra Norte, o pessoal começou a nos cobrar.

Dia 17/02, o tempo melhorou, a maioria foi a caça e a tarde contactei com o Pia Marudjewara, no qual os "PARAKAS", falam entre si, muito comovente o diálogo após muitos anos de separação, alguns choraram.

Dia 19/02, saímos para Marabá e Belém, afim de agilizar e organizar a operação de relocação do grupo para o Pia Marudjewara, conforme aspiração da Comunidade Indígena. Nosso plano era colocar o grupo recém-contactado no cajazeirinha, pequeno curso d'água logo acima do Poção dos Caboclos, fica cerca de duas horas a pé do Marudjewara, tendo acesso terrestre e fluvial, no local tem um castanhal, bebaçuzal e um açazal, insumos de primeira necessidade para os "PARAKAS", e também onde se localizava a antiga aldeia até 1973, achamos o referido local, nem tão longe para impedir um socorro de urgência, mas bastante para diminuir contágios excessivos e também para poder dispensar cuidados especiais ao grupo sem causar inveja aos outros, depois da fase de vacinações, surtos de doenças e aclimação, tendo plantações e áreas de caça distintas os dois grupos, poderiam se assim o desejassem, reunirem-se em uma única aldeia, sem desvantagem política ou econômica para nenhuma das partes.

O avião que realizou nossa remoção, deixou uma nova gripe, esta, muito mais forte e virulenta, e se não fosse o bom estoque de medicamentos, além de equipamentos como o aerosol e sondas, teriam deixado muitas

vítimas, ressaltando ainda que o bom desempenho da enfermeira Dnair, ajudou bastante, entretanto a permanência do grupo na Bannach, torna-se insustentável, debilitados pela gripe, a caça já rarefeita, os mesmos estavam sendo forçados a uma dieta de farinha e milho, insistem sua relocação para o Marudjewara.

Seguidos entraves burocráticos, fizeram atrasar os recursos necessários para a efetivação da mudança do grupo, impedindo-nos de realizarmos uma preparação no local a eles destinados, o caezeirinha, não havia mais tempo, a situação ficou gravíssima, lá na Bannach, exigindo uma relocação imediata custasse o que custasse. Finalmente chegaram os recursos e a autorização para as horas de voo extra, necessárias para a mudança do grupo, nossa equipe e equipamentos. Seguimos para Marabá, com o PT-FDU, que foi realizar a missão mas no dia 12/03/83, o PT-FAP, que seguiu à nossa frente, acidentou-se na pista do Marudjewara, interditando o campo de pouso e atrozando toda a operação, sem outra alternativa seguimos para a Bannach com mais alimentos e remédios afim de aguentarmos até a liberação do campo do Marudjewara.

Fiquei muito chocado, revoltado e triste ao reencontrar os parakanãs, pareciam mais com um campo de concentração o pessoal estava esquelético, quase não conseguiam andar, a maioria deitados em suas redes tomando soro. A moral também estava baixa, já começavam a conhecer a "civilização".

No dia 14/03, uma tragédia, as 13:00 horas, um sol inclemente, a maioria dos índios deitados, alguns tomando soro acampados no meio de um capim colônio, contrariando nossa orientação de ficarem debaixo da mata, o fogo de uma das fogueiras pega no capim seco e se alastra rapidamente, Akoa uma índia parakanã de quase 100 anos, que estava tomando soro em sua rede não conseguiu afastar-se a tempo e é envolvida pelas chamas, após muita pressão conseguimos que a Bannach nos emprestasse a aeronave deles, para a operação mudança, sendo que a Funai, custearia o combustível. O avião é do tipo cesna, podendo operar no Marudjewara, apesar da presença do PT-FAP, acidentado.

Dia 19/03, iniciamos a relocação do grupo, mas até o dia 21, só foi possível realizar duas viagens, a relocação terminou no dia 23/03, após sete viagens, levando 43 parakanãs. 04 intérpretes, 05 funcionários e cerca de duas toneladas de equipamentos e bagagens, inclusive cachorros.

Cheguei no Marudjewara, na última viagem junto com o Luiz e o resto da carga, logo na chegada, após a festa de recepção da comunidade local um acontecimento desagradável, o Chefe do PI, vem nos chamar a atenção em voz alta na frente de todos, inclusive da E.V.S., dizendo que faltou reponsabilidade de nossa parte, o que nos causou uma tragédia, perguntamos o motivo, o

.....

mesmo explicou que na penúltima viagem, no meio da carga, foram duas espingardas armadas, e na hora da recepção com dança e tudo "QUASE" que a referida disse para, podendo chegar e atingir alguém, e que ao saber do fato as mulheres saíram correndo. Fiquei sem jeito de responder, o Luiz, muito revoltado com a acusação, pois nunca deixamos as espingardas armadas, e não ser na hora de uti-lizá-las, a noite subimos do Juarawa, que o caso das espingardas fora aquele acontecido, na hora do contacto, e que o Sr. IBERÊ, entendeu como se tivesse acontecido na hora de chegada do avião, a noite, Maritôa e outros parakanãs che-garam o Luiz, e perguntaram-lhe, porque nós estávamos com raiva deles, Luiz respondeu que aquela era uma inverdade, porém face a insistência do índio em afirmar que nós estávamos zangados com o grupo de parakanãs local, Luiz per-guntou porque achavam aquilo, quem disse para eles, o Maritôa respondeu que o Iberê tinha lhes felado, que nós estávamos muito zangados, e que quando nós chegássemos poderíamos até matá-los, foi difícil acreditar, seria muita irresponsabilidade, para não dizer um crime, pois se aquele grupo não nos conhecesse nossa equipe longas datas e se não existisse aquele grau de amizade e confian-ça, em vez de nos perguntar, poderiam ter agido com consequências imprevisíveis além de tudo isso, apesar da orientação que tinha dado para que os grupos fi-cassem inicialmente separados, encontrei uma situação de união consumada, cada família dos residentes, hospedou uma família dos novos, e isto ocorreu devido ao trabalho dirigido pelo chefe do posto local, do qual fez parte a incenação na hora de nossa chegada e a ventilação da notícia, que nós estaríamos zanga-dos com a Comunidade local, e por isso queríamos ficar separados, o nosso tra-balho já estava estragado, não havendo mais condições de repará-lo, as conse-quências desse ato "rezamos", para que não sejam muito graves.

Era o que tínhamos a informar.

Belém, 29 de março de 1983.

FIORIELLO PARISE

CHEFE DA FRENTE DE ATRAÇÃO PARAKANÃ.